

ANÁLISE HERMENÊUTICA RICOEURIANA: A QUESTÃO DE GÊNERO EM *LE MIROUER DES SIMPLES ÂMES* DE MARGUERITE PORETE

RICOEURIAN HERMENEUTIC ANALYSIS: THE ISSUE OF GENDER IN *LE MIROUER DES SIMPLES ÂMES* DE MARGUERITE PORETE

DOI: 10.15668/1807-8214/artemis.v19n1p19-25

Resumo

Este ensaio propõe uma análise hermenêutica ricoeuriana desenvolvida a partir da poética da vontade, a obra de Marguerite Porete *Le Mirouer des simples âmes anienties et qui seulement demourent en vouloir et désir d'amour*. Mostra como foco central o diálogo entre as damas: o amor e a fé, que representam o sagrado feminino e a dama da razão, o masculino, e trará como questão a discussão de gênero no âmbito das relações do amor cortês. A partir da escrita dos poemas será consagrada a transição da esfera prática e teórica para analisar os fenômenos e as experiências que contribuam para descrever o campo da mística, que mostra como resultado o imaginário social que se nutre e se constitui no fenômeno da imaginação.

Palavras-chave: Hermenêutica. Vontade. Feminino. Mística. Imaginação.

Abstract

This essay aims to a ricoeurian hermeneutic analysis that develops the poetics of will in the work of Marguerite Porete *Le Mirouer des simples âmes anienties et qui seulement demourent en vouloir et désir d'amour*. It shows as its central focus the dialogue among the ladies: love and faith, representing the sacred feminine and the reason, men who will issue as the discussion on gender in relations of courtly love. From the writing of poems the transition from practical and theoretical sphere will be devoted to analyze the phenomena and experiences that contribute to describe the field of mystical or imagination, which will result in the social imagination that is nourished and constitutes the phenomenon imagination.

Keywords: Hermeneutics. Will. Female. Mystic. Imagination.

Suelma S. Moraes

Professora na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Vice-coordenadora do curso de Graduação em Ciências das Religiões.

E-mail: suelmamoraes@gmail.com

Introdução

A hermenêutica será considerada o instrumento de leitura da obra de Marguerite Porete: O espelho das almas simples e aniquiladas que permanecem somente na vontade e no desejo do Amor. Pois, pacto da compreensão ricoeuriana que o texto pode de modo emblemático introduzir a ligação essencial entre a obra e a constituição do sujeito:

Compreender é compreender-se diante do texto. Não se trata de impor ao texto sua própria capacidade finita de compreender, mas de expor-se ao texto e receber dele um si mais amplo, que seria a proposição de existência respondendo, da maneira mais apropriada possível, à proposição de mundo. A compreensão torna-se, então, o contrário de uma constituição de que o sujeito teria a chave. A este respeito, seria mais justo dizer que o si é constituído pela “coisa” do texto (RICOEUR, 1990: 58).

O desenvolvimento e investigação deste artigo estão inseridos num campo minado da transição da esfera do teórico para o prático. Esta passagem nos encaminha para um laço analógico de certas práticas imaginárias, próprias do contexto do medieval do século XIII, que estão ligadas à polaridade e ambiguidade entre ideologia e utopia. Ao mesmo tempo, é possível observar em cada uma delas sua face positiva e construtora e a sua face negativa e destruidora de um imaginário social que se alimenta e se retroalimenta dentro do próprio contexto. Considerando-se que é a partir de um imaginário social, político e eclesial, que é encadeada a execução de Marguerite Porete.

É interessante observar que foi a dialética da escrita desta autora que desencadeou sua expurgação da sociedade, motivando sua morte e destruição da obra, tendo sido, autora e obra, lançadas à fogueira, tamanha a força da linguagem poética que se transformou na própria referência. Portanto, fica claro, que não se trata de uma mística apenas de êxtase, mas que provoca uma reação na própria sociedade, na Igreja e no Estado.

A priori, esta obra revela um aspecto da linguagem poética do ‘amor cortês’, que une estilo literário, contexto social e filosófico, marcado pela cultura e religiosidade, causando impacto na sociedade. Em virtude disto, a possibilidade que o problema hermenêutico apresenta não seria simplesmente a escrita do texto, mas sim, a dialética entre a fala e a escrita, e como ela se constrói na realização do discurso no âmbito da linguagem, que apresenta como tríade: discurso-obra-escrita.

Assim, proponho desenvolver a problemática deste artigo em torno de três abordagens: a primeira, refletir sobre a função da hermenêutica na obra de discurso como projeção de um mundo e como mediação da compreensão de si e considerar como se constitui a imaginação no

discurso e na ação, aquilo que propriamente Ricoeur irá chamar de ‘poética da vontade’.

A segunda, a hipótese de como a mística e o imaginário se nutrem e se constituem no fenômeno da imaginação.

Terceira, analisar na escrita de Marguerite Porete, a questão de gênero no âmbito das relações das personagens do ‘amor cortês’ sobre o diálogo entre as damas: o Amor e a Fé, sagrado feminino e a dama Razão, masculino.

I – A função hermenêutica na obra do discurso – o que é ou do que se trata a poética da vontade desenvolvida por Paul Ricoeur

A poética da vontade está inserida na obra – Do texto à ação – Ensaio de Hermenêutica II; mais propriamente no capítulo A imaginação no discurso e na ação. Ricoeur (1989: 213) afirma que irá trabalhar o ambicioso passo em direção à poética. A questão, a saber, é se a concepção da imaginação poderia ter alcance para além da esfera do discurso metafórico com uma força referencial a partir de uma inovação do campo semântico. O que resultaria numa análise de que o poder da afirmação pela linguagem poética está para além do sentido metafórico, pois ela é a própria referência.

A poética da vontade nada mais é do que revelar e redescrever a realidade nas formas de discurso poético. É a capacidade de abrir e desenvolver novas dimensões da realidade da ação humana, por meio da ficção e da narração, como mediação da imaginação com a pretensão de questionar e compreender a esfera prática:

O discurso poético deixar-se (laisse-être) a nossa pertença profunda ao mundo da vida, deixa-se-dizer (laisse-se-dire) a ligação ontológica do nosso ser aos outros seres e ao ser (RICOEUR, 1982: 220).

Qual seria a importância de trabalhar com este aporte hermenêutico da ‘poética da vontade’ para compreender a obra de Marguerite Porete?

A tarefa da hermenêutica será então reconstruir o duplo trabalho do texto: o sentido, que no nível da dinâmica interna, preside a estruturação da obra; e a referência, que no nível do poder que a obra tem, projeta-se para fora de si mesma, gerando um mundo.

O círculo hermenêutico, entre estes dois níveis, sentido e referência, nos permite a compreensão de uma realidade e nos possibilita ver a ‘arte da conjectura’, ou seja, o quadro em que o sujeito se constitui e se estrutura a partir das relações e da sua própria subjetividade e transpõe esta compreensão na tessitura do texto. Em especial, a arte da conjectura da obra de Marguerite Porete se estrutura e se constitui a partir da relação entre a mística que a identifica e a questão do ‘amor cortês’, que tem um peso no século XIII para compreensão das relações entre os sujeitos. As

conjecturas deverão, contudo, ser postas à prova por um método rigoroso de validação epistemológica que estará subordinada à teoria ontológica da compreensão, pois Ricoeur supõe que o discurso deseja levar à linguagem uma experiência, uma maneira de estar-no-mundo que o precede e pede para ser dita. Essa referência é “aquilo sobre o que” fala o texto: aos mundos que ele abre e a uma nova maneira de perceber as coisas, que neste caso, se trata de uma nova maneira de refletir sobre a voz das mulheres no século XIII.

Como concepção de referência, Ricoeur aponta para uma ontologia emergente na linguagem e nas narrativas que configuram e refiguram a realidade ou ação humana, ou seja, como ela torna-se manifesta. A relação entre o ‘amor cortês’ e a mística se fundem, na escrita de Marguerite Porete, para transmitir uma mensagem profética para o seu tempo. A nossa relação com o real não é direta, mas sempre mediatizada por configurações e refigurações, pois são elas que ordenam e criam congruências, dão forma e sentido à experiência humana, e neste caso, o que configura e refigura é o modo como se desenvolve a escrita a partir da mística dessa relação entre a mulher e o sagrado.

Tanto as narrativas de ficção como as obras historiográficas imitam (configuram) criativamente o mundo da ação humana e a sua dimensão temporal profunda. Assim, o que irá constituir o círculo hermenêutico são as narrativas, enquanto imitam e ordenam o agir humano, que contribuem para alterar e remodelar as suas estruturas e as dimensões, segundo a configuração imaginária da intriga.

Na obra de Marguerite Porete – O espelho das almas simples aniquiladas – os principais protagonistas são: Amor, Alma e Razão, que representam respectivamente, Deus, a própria Marguerite e a Moral, junto a estes três protagonistas surge a fé.

A ação dotada de sentido ultrapassa o caráter individual para assumir uma dimensão inter-humana e histórica. As ações que decorrem do texto, consideradas mais importantes se autonomizam, marcando o tempo social e registrando-se na história é o que colocaremos à prova na análise do texto.

Outra questão que nos chama a atenção e sempre nos vêm à mente quando vamos lidar com a mística é de que ela é inacessível, indescritível, inalcançável. No entanto, temos aqui uma obra que foi escrita, que perfaz um discurso de linguagem que, no entanto é altamente considerada de caráter místico. Ainda antes de entrarmos neste âmbito da discussão da mística, ela com certeza está cercada de uma linguagem do discurso metafórico, o que é muito comum utilizada para descrever os relatos místicos.

Uma questão primordial é saber como proceder ou acompanhar este campo do teórico para o campo prático, esta linguagem marcada metaforicamente. O que significa evocar algumas dificuldades clássicas da filosofia da imaginação. Isto, porque a problemática da imaginação sofre de má reputação do termo imagem, em que foi

marcada com o sentido pejorativo ou de algo falso cercado de descrédito.

A questão para nós é de que maneira podemos atribuir à mística uma eficácia histórica, se ela reivindica para si uma linguagem apofática, ou ainda ser compreendida como uma linguagem do imaginário, de ilusões, fantasias, de êxtase.

A peculiaridade na escrita de Marguerite Porete, é que ela a partir de uma inversão da realidade, através da imaginação constituinte, passa a fundamentar uma outra realidade para a sociedade, em que ela questiona valores religiosos e morais. Ela mostra a possibilidade de um projeto imaginário, de uma nova ordem através do diálogo narrativo poético, formas de escolhas opostas às constituídas e com isto ela desencadeia a insubmissão ao poder hierárquico vigente de sua época.

II – A mística e o imaginário se nutrem e se constituem no fenômeno da imaginação

A transmissão e a tradição assumem um papel imprescindível em relação ao processo da imaginação na sua reformulação da realidade, partindo sempre de regras e paradigmas já existentes, o que, segundo Ricoeur, não há uma subversão e inversão total, pois esta é uma prerrogativa que faz parte da historicidade humana.

Gostaria de situar, ainda que de forma muito breve, alguns pressupostos em que a mística de Marguerite Porete está inserida entre os séculos XII e XIII. Étienne Gilson (2007: 362-363) nomeia a mística medieval, neste período, de mística especulativa. É certo que há também, outros olhares para a mística medieval e correntes filosóficas que circulavam na época, advindas de Platão, de uma releitura e tradução de Aristóteles, neoplatônicas, ordens religiosas das beguinas e muitas vigentes ligadas ao agostinianismo, bem como outras de ortodoxia islâmica e sufistas. Bem como tensões sobre o seu desenvolvimento.

Mas, apresento um recorte na mística, e uma possível hipótese de que a mística de Marguerite Porete está muito mais ligada ao conhecimento da própria história e tradição cristã, e que, a partir deste conhecimento - em que acredito que havia mais solidez e domínio da sua parte - ela joga com uma crítica aos próprios textos buscando papéis de equidade.

Deste período quero contemplar apenas um referencial, São Bernardo de Clairvaux (1091-1153), que desenvolveu a mística sobre o amor e que foi considerado como um dos fundadores da mística medieval descrito por Gilson, de que ele não despreza a filosofia e os dialéticos, mas deixa claro que sua filosofia é conhecer a Jesus, o crucificado. Conforme Gilson, ele mantém suspeitas em relação à filosofia contemporânea que estava sendo desenvolvida pela escolástica. Portanto, ele não irá contribuir com o advento da filosofia escolástica que

considera o intelecto acima de qualquer evento para o conhecimento, ou seja, prioriza a razão.

O foco principal de São Bernardo de Clairvaux é a doutrina do amor místico. Amar sem medida, portanto, é o limite para este místico. Para ele, o conhecimento de Deus é muito mais uma experiência e, enquanto tal, está mais próximo de uma via afetiva do que por uma via intelectual, pois ele encontra uma certeza no amor místico que não se engana sobre a realidade do absoluto e que constata, também, um êxtase que ele é indizível e mais que inefável, é impensável segundo os meios do conhecimento humano. “É preciso passar pelas trevas; pois só a graça da iluminação que vem de Deus pode dissipá-las”. (GILSON, 2007: 363). Neste ponto, São Bernardo retoma a mesma doutrina, que é agostiniana, acentuando o seu aspecto místico.

Para desenvolver a experiência mística, que está direcionada a Cristo, este místico faz o percurso pela verdade e humildade. A humildade é definida como virtude, e quando chegamos ao ápice da humildade, alcançamos o primeiro degrau a verdade, que é reconhecer sua própria miséria. Para ser capaz de contemplar é necessário desenvolver três degraus da verdade: humildade, piedade e caridade. O ponto culminante do conhecimento humano é alcançado pela alma no êxtase num despojamento e aniquilamento de si mesmo (GILSON, 2007: 364).

Notemos que Marguerite Porete está trilhando este caminho quando, em diálogo com o amor, diz a ele que deve suplantar a razão, pois mesmo que a razão seja o princípio do pensamento humano, o amor deve responder à razão:

Amor: - Vos, filhos da Santa Igreja, para vos ajudar fizeste livro, a fim de que ouçais para melhor valorizar a perfeição da vida e o estado de paz ao qual a criatura pode chegar pela virtude da caridade perfeita, a criatura a quem esse dom e dado pela Trindade toda; escutareis esse dom exposto nesse livro pelo Entendimento do Amor que responderá as perguntas da Razão.

(...)

Razão: - E quando elas se tornam livres?, diz Razão.

Amor: — Quando o Amor reside nelas e as Virtudes asservem sem nenhuma oposição e sem nenhum trabalho por parte de tais Almas.

Por isso, essa Alma exausta, que ainda serve as Virtudes, diz que desejaria ser governada pelo Medo e atormentada no inferno até o diado juízo final, para depois ser salva. Essa e a verdade, diz Amor, tal é a dominação sob a qual vive a Alma na qual as Virtudes tem poder. Mas as Almas sobre as quais falamos colocaram as Virtudes em seu lugar, pois não fazem nada por elas. Ao contrário, são as Virtudes que fazem tudo o que essas Almas querem, sem dominação ou oposição, pois essas Almas são suas senhoras (PORETE, 2008: 33 e 41).

Como pudemos observar acima, a mística especulativa de São Bernardo de Clairvaux desenvolve a mística do amor (afetiva). E na passagem para o século XIII, ainda poderíamos citar vários outros como Guilherme de Saint-Thierry, Hugo de São Vitor da abadia parisiense dos cônegos agostinianos e Ricardo de São Vitor, que também foi considerado um grande místico da mística especulativa e que bebeu nas fontes de Santo Agostinho. O que pretendo ressaltar é que essa mística é decorrente de desenvolvimentos agostinianos e que deixa aberto à pesquisa uma análise mais minuciosa da escrita de Marguerite Porete para observar os intratextos e intertextos, bem como os desenvolvimentos de conteúdos filosóficos e teológicos agregados e inseridos em sua obra, como exemplo, uma célebre frase de Agostinho que se encontra nos comentários à Epístola de João no parágrafo oito, “Ame e faça o que quiseres”:

Porisso, digo a todos que ninguém entendera esse livro por meio de meu entendimento, a menos que o entendam pela virtude da Fé e pela força do Amor, que são minhas senhoras, pois as obedeco em tudo. Além disso, quero dizer, diz Razão, que quem quer que tenha essas duas cordas em seu arco, isto é, a luz da Fé e a força do Amor, tem permissão para fazer tudo que lhe agrade, como testemunha o próprio Amor, que diz a essa Alma: minha amada, amai e fazei tudo o que quiserdes (PORETE, 2008: 53 – grifo nosso).

Unido a esta mística, neste período há também a forte influência do ‘amor cortês’ que no século XII aparece como ideal de vida superior. Porém, Octavio Paz assinala que o aparecimento do amor cortês não foi uma consequência de uma predica religiosa ou filosófica, e sim, uma criação de poetas no seio de uma sociedade feudal, embora tenha uma fecundidade espiritual. Neste Período há grandes criações de poesias líricas e a ideia do amor como forma de vida. Os poetas antes de nomearem como ‘amor cortês’, o nome usado como expressão foi *fin’amors*, isto é, amor purificado refinado. Este tipo de amor não estava fundamentado no amor do prazer carnal e tão pouco na reprodução. Ele surge com a característica de pureza e estética.

Todavia há um fenômeno sociocultural e econômico que se constitui a este estilo literário, em especial, as mulheres destacam-se na sociedade, como exemplo as damas da aristocracia e trovadoras, como fenômeno de Alexandria e Roma. Este próprio fenômeno que constitui que alimenta uma sociedade sofre a reação da ação da Igreja e da Monarquia.

É neste quadro que Marguerite Porete experimenta sua liberdade e foge aos padrões do que Octávio Paz fala a respeito do ‘amor cortês’, pois ela une este estilo literário dos poetas a sua própria filosofia e espiritualidade marcada pela mística do amor.

Este período é marcado por uma plena expansão e fusão de influências culturais, religiosas e econômicas tanto do Ocidente como do Oriente. Octavio Paz chama à atenção para este fenômeno do estilo literário da poesia e da escrita, o ‘amor cortês’, que revela profundamente um período medieval dos séculos XII e XIII:

Várias damas da aristocracia foram também trovadoras; já mencionei a condessa de Dia, famosa trobairitz. As mulheres desfrutaram de liberdades no período feudal que perderam mais tarde pela ação combinada da Igreja e da monarquia absoluta. O fenômeno da Alexandria e Roma repetiu-se: a história do amor é inseparável da história da liberdade da mulher. Não é fácil determinar quais foram as ideias e doutrinas que influíram no aparecimento do “amor cortês”. Em todo caso foram poucas. A poesia provençal nasceu numa sociedade profundamente cristã. Contudo, em muitos pontos essenciais o “amor cortês” afasta-se dos ensinamentos da Igreja e até se opõe a eles. A formação dos poetas, a sua cultura e as suas crenças eram cristãs, mas muitos dos seus ideais e aspirações estavam em luta com os dogmas do catolicismo romano. Eram sinceros crentes e ao mesmo tempo, oficiavam num culto secular e que não era o de Roma. Não parece que esta contradição os tenha perturbado, pelo menos no princípio; contudo, não passou despercebida às autoridades Eclesiásticas, que sempre reprovaram o ‘amor cortês’ (PAZ, 1993: 60).

Dessa maneira, podemos observar que havia uma forte crença e compreensão sobre a tradição cristã e ao mesmo tempo uma crítica sobre a vivência dos ensinamentos, dos dogmas e poderes políticos. A esta problemática do fenômeno do amor cortês também se associa a influência da Espanha mulçumana das Cruzadas no Oriente e expansão em todo o ocidente, principalmente dos poetas populares andaluzes. Graças as Cruzadas os europeus tiveram maior contato com o mundo oriental, com suas riquezas, ciências e através da cultura árabe redescobrem Aristóteles, a medicina e as ciências Greco-romanas.

Este período então é marcado por uma profunda mudança não apenas na poesia, mas sob a influência dos costumes e das crenças, quando se observa a inversão das posições tradicionais do amante e de sua dama. Invertem a relação tradicional dos sexos, a dama assume o papel de destaque nas relações e os homens de servos e escravos. Ainda de acordo com Paz, há uma forte masculinização e hierarquização no tratamento das damas e o amor é visto como transgressor e subversivo (PAZ, 1993: 61).

Gostaria de pontuar ainda mais um dado a esta problemática. Haja vista, que este período não há apenas um imaginário que constrói o papel da mulher fundamentada numa cultura hispano-mulçumana como transgressora

na hierarquização dos papéis entre homens e mulheres, pois teríamos que considerar que, eles também vieram de um espaço para gozar a liberdade fora do seu país, o que demonstra a busca por esta liberdade e autonomia que culmina dentro de um forte período político, econômico, social e religioso do ocidente, em que as mulheres se revoltam contra a condição que elas ocupavam na sociedade sob a tutela da Igreja. Porém a via que muitas delas encontravam para poderem exercer a liberdade sobre o próprio corpo, era a fuga para os mosteiros, ainda sob a tutela da Igreja. Desta maneira, aquilo mesmo que as movem a saírem da condição dogmática é a mesma que as levam para dentro dos mosteiros à busca da crença ou de uma determinada religiosidade. É nisto, que Marguerite Porete é inovadora. Ela de maneira irônica transgride com agucidade intelectual os dogmas se utilizando da mesma ferramenta.

Aquilo que Ricoeur chama de práticas imaginativas, tais como ideologia e utopia que se definem antagônicas se constituem num elo analógico e se retroalimentam. Marguerite com os mesmos aportes da própria religião cristã, que serviram como base para fundamentar os dogmas, agora se utiliza deles para confrontar a hierarquia e a conduta da Igreja católica. A utopia dentro de um projeto imaginário tenta outra realidade. Esta dupla ambiguidade que se constitui para fazer notar, que estamos ao mesmo tempo lidando com um determinado estilo literário, cuja premissa é o ‘amor cortês’ que é desenvolvida sob a cultura da filosofia árabe e o conteúdo da filosofia cristã que está na base da escrita de Marguerite Porete. E, neste sentido, ela também irá descrever um amor refinado com aproximação da mística afetiva com uma estética dos sentidos.

Vejamos como a transmissão e a tradição assumem um papel imprescindível em relação ao processo do fenômeno da imaginação na sua reformulação da realidade, como Marguerite Porete se utiliza de regras e paradigmas já existentes, que as autoridades usavam como pretensa de legitimação de uma crença e autoridade, e ela confronta e se aproxima desta polaridade ambígua destruidora e negativa com uma outra face construtiva e positiva entre a estética do ‘amor cortês’ e o conteúdo filosófico da mística cristã. Uma vez que o próprio papel da mulher na história e na sua gênese foi marcada como inferior e dotada da razão inferior. Assim, desta maneira, ela se utiliza das mesmas fontes e das mesmas verdades; o que segundo Ricoeur não há uma subversão e inversão total, pois esta é uma prerrogativa que faz parte da historicidade humana. Talvez por isso, fiquemos tão perplexos quando observamos uma certa resiliência dentro de um contexto de tensão e a fé é sua principal marca da espiritualidade.

III – Análise da questão de gênero no âmbito das relações das personagens do ‘amor cortês’ sobre o diálogo entre as damas: o Amor e a Fé, sagrado feminino e a dama Razão, masculino

A análise da questão de gênero no âmbito das relações das personagens se desenvolve a partir do círculo hermenêutico que aponta para a intriga no diálogo entre as damas que assumem os papéis de Amor, Fé e Razão, em resposta aos interlocutores do próprio contexto vivido no século XIII, marcado historicamente pelo desenvolvimento da Teologia e das ordens religiosas: ativos e contemplativos e filhos da Santa Igreja, configurando assim, a discussão para o agir humano revelado na própria escrita de Marguerite Porete que apresenta como foco central para a discussão a imagem que é desenvolvida na metáfora do *speculum* – o espelho das almas simples, que embora se trate de uma escrita categorizada como mística, e no âmbito literário ficcional, ela também responde a questões existenciais do seu próprio tempo.

Entre os séculos XII e XIII que cada vez mais a mulher começa a expressar seus pensamentos no papel e transformá-los em escrita. Refletir sobre a vida da mulher e a voz feminina.

Diante da citação abaixo, iremos observar a maneira como Marquerite Porete reivindica a autoridade sobre si ao considerar a sua própria alma tocada por Deus num estado de graça divina e despojada do estado do pecado:

A alma, tocada por Deus e despojada do pecado no primeiro estado de graça, e elevada pelas graças divinas ao sétimo estado de graça, no qual tem a plenitude de sua perfeição pela fruição divina no país da vida.

Aqui *fala Amor*: — Entre vos, ativos e contemplativos e, talvez, os aniquilados pelo amor verdadeiro, que ouvireis alguns dos prodígios do puro amor, do nobre e elevado amor da Alma Liberada e de como o Espírito Santo nelacolocou sua vela, como num navio, eu vos rogo por amor que ouçais com grande aplicação do vosso entendimento interior sutil e com grande diligência. Caso contrário, todos os que venham a ouvi-lo o entenderão mal, se não estiverem assim dispostos (PORETE, 2008: 31).

Podemos conjecturar, a partir da citação acima, que os interlocutores de seu tempo para quem Marguerite dedica sua obra são os ativos e contemplativos, que são as chamadas ordens religiosas e, em especial, as ordens marcadas pela filosofia escolástica que em parte é grandemente marcada pelos desenvolvimentos do pensamento de Tomás de Aquino e ordens religiosas advindas e caracterizadas pelo pensamento agostiniano. O recorte, em forma de uma prece, nos mostra ainda como a

mulher poderia falar diretamente com Deus, transmitindo uma mensagem para os seus ouvintes.

Ah! Quem dará a essa alma o que lhe falta, que não lhe foi dado, nem jamais será? Essa alma tem seis asas, como os Serafins. Ela não desejada que venha por um intermediário. Esse é o estado próprio dos Serafins: não há nenhum intermediário entre seu amor e o amor divino. Eles recebem sempre sua mensagem sem mediação e o mesmo ocorre com essa alma, pois ela não busca a ciência divina entre os mestres deste século, mas ao verdadeiramente desprezar o mundo e a si mesma. Ó, Deus! Quão grande é a diferença entre adadiva que o bem-amado dá a bem-amada por meio de um intermediário, e a que é dada sem intermediário! (PORETE, 2008: 36).

A mulher poderia ser diretamente veículo da presença e voz de Deus. Com isto, ela mostra que poderia haver uma experiência revelatória que não necessitaria ser validada por nenhuma autoridade eclesial, haja vista, que as autoridades determinavam quem poderia ser um anunciador da voz de Deus.

Marguerite Porete, e de modo geral, as místicas, neste período, tinham um amplo conhecimento da escritura, e algumas, com certa profundidade, da Teologia. Isto se fazia notar expresso nos poemas, nas músicas cantadas liturgicamente em comunidades, portanto, circulavam nas comunidades as suas escritas, dessa maneira, a voz da mulher tornava-se pública no medievo. Embora as mulheres não pudessem ser pregadoras, elas poderiam ser profetas. Contudo, eram as autoridades eclesiásticas e monárquicas que determinavam se os escritos poderiam circular e seriam preservados ou suprimidos e queimados na estaca junto com o corpo da mulher.

Marguerite Porete, no século XIII, foi um exemplo de supressão da própria escrita, tendo em vista, que ela e sua escrita foram queimadas na fogueira, diferentemente do caso de Hildegard de Bingen que foi validada pelas autoridades da Igreja e do Estado.

Marguerite Porete desenvolveu uma linguagem que ela mesma, em sua escrita, atribuía ao ‘amor cortês’:

Amor: - Sobre isso vos respondo, Razão, diz Amor. Como já vos disse antes, e ainda vos digo, nenhum mestre dos sentidos da natureza, nem todos os mestres das Escrituras, nem todos os que permanecem no amor e na obediência às Virtudes, não entendem nem entenderão que há para ser entendido. Disso esteja certa, Razão, diz Amor, pois ninguém o entende, somente aqueles que Amor Cortês chama. Contudo, se por acaso encontrássemos tais Almas, elas diriam a verdade sobre isso, se o quissem. Mas não penseis que alguém pode entendê-las, senão somente aqueles que o Amor Cortês e a Caridade chamam (PORETE, 2008: 42).

Esta própria linguagem já se confirmava como uma afronta à Igreja, porque este estilo outorgava às damas o domínio: do seu corpo e da sua alma, a partir de um ideal das relações amorosas. Entretanto, o ‘amor cortês’ não conferia às mulheres direitos sociais e políticos, mas havia uma mudança de visão de mundo, da inversão da ordem hierárquica tradicional, o que tendia a equilibrar a inferioridade social da mulher com a superioridade no domínio do amor. Neste sentido, Marguerite Porete deu um passo para a igualdade dos sexos. Mas aos olhos da Igreja, a ascensão da dama traduzia-se numa verdadeira divinização.

Desta maneira, o ‘amor cortês’ pode ser visto como uma idealização da conduta de uma realidade marcada por uma linguagem poética religiosa para uma realidade social. Contudo, mesmo que o ‘amor cortês’ não seja caracterizado como uma mística, ela o insere dentro dessa tríade, discurso-obra-escrita, e o constitui como uma linguagem própria e referencial para legitimar a autoridade e voz feminina.

Referências

AGOSTINHO, Santo. (1989). *Comentário da primeira epístola de São João*. São Paulo: Paulinas.

GILSON, Étienne. (2007). *A filosofia na Idade Média*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes.

HULTGREN, Gunnar. (1939). *Commandement D’amour Chez Augustin: Interprétation Philosophique et Théologique’après les Ecrits de la période 386-400*. Paris: VRIN.

MORAES, Suelma de Souza.(2013). *A dialética entre o conhecimento de si e o conhecimento de Deus no livro X das Confissões de Santo Agostinho*. 2ª ed. São Paulo: Fonte Editorial.

PAZ, Octávio. (1993). *A chama dupla: amor e erotismo*. Lisboa: Guide – Artes Gráficas, LDA.

PORETE, Marguerite. (2008). *O espelho das almas simples e aniquiladas e que permanecem somente na vontade e no desejo do Amor*. Tradução e notas de Sílvia Schwartz. Petrópolis: Vozes.

RICOEUR, Paul. (1989). *Do texto a ação: ensaios de hermenêutica II*. Porto: Rés-Editora, Lda.

RICOEUR, Paul.(1990). *Interpretação e Ideologias*. Organização, tradução e apresentação de Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: F. Alves.

RUETHER, Rosemary Radford. (1998). *Women and Redemption: A Theological History*. London: SCM Press Ltd.